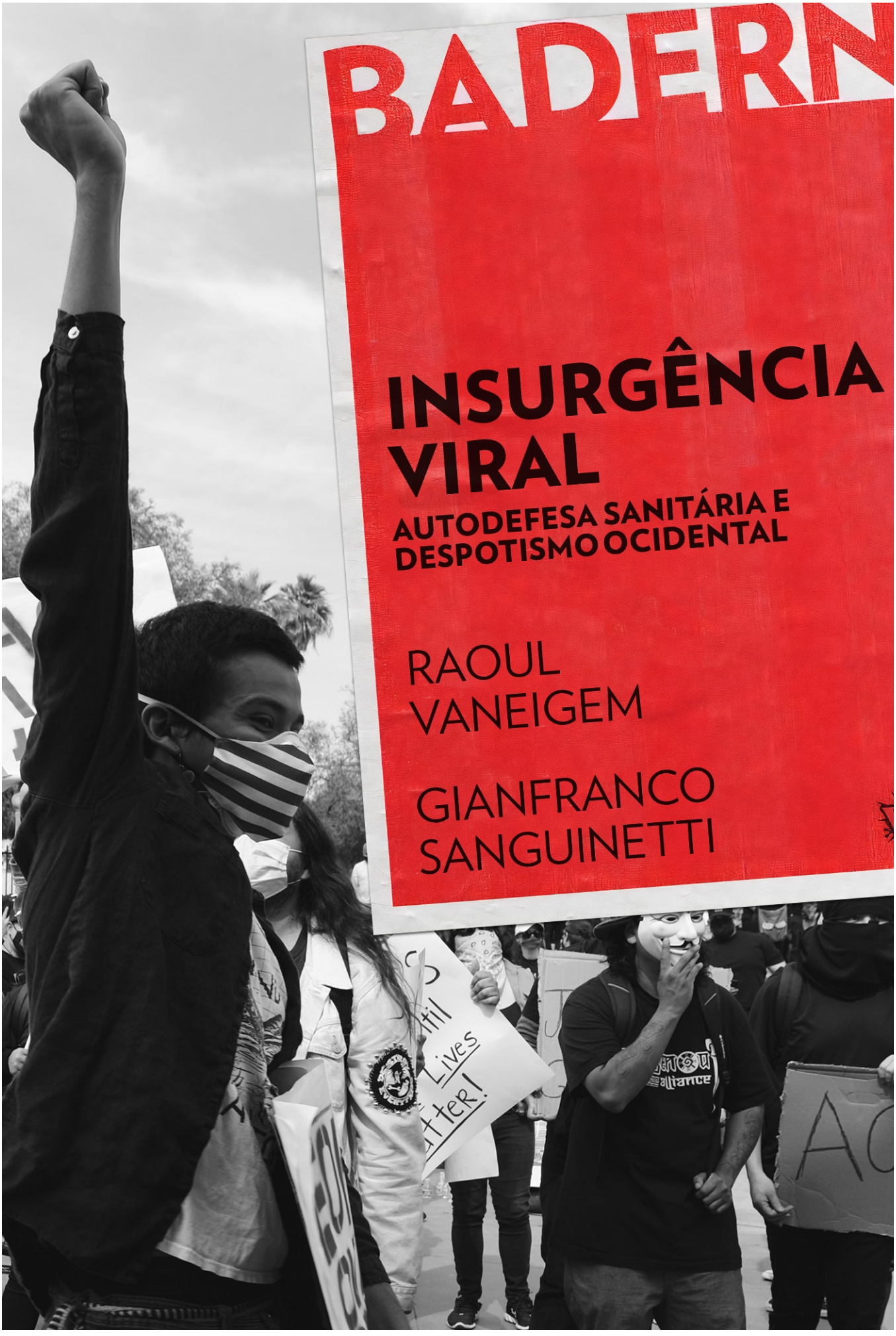
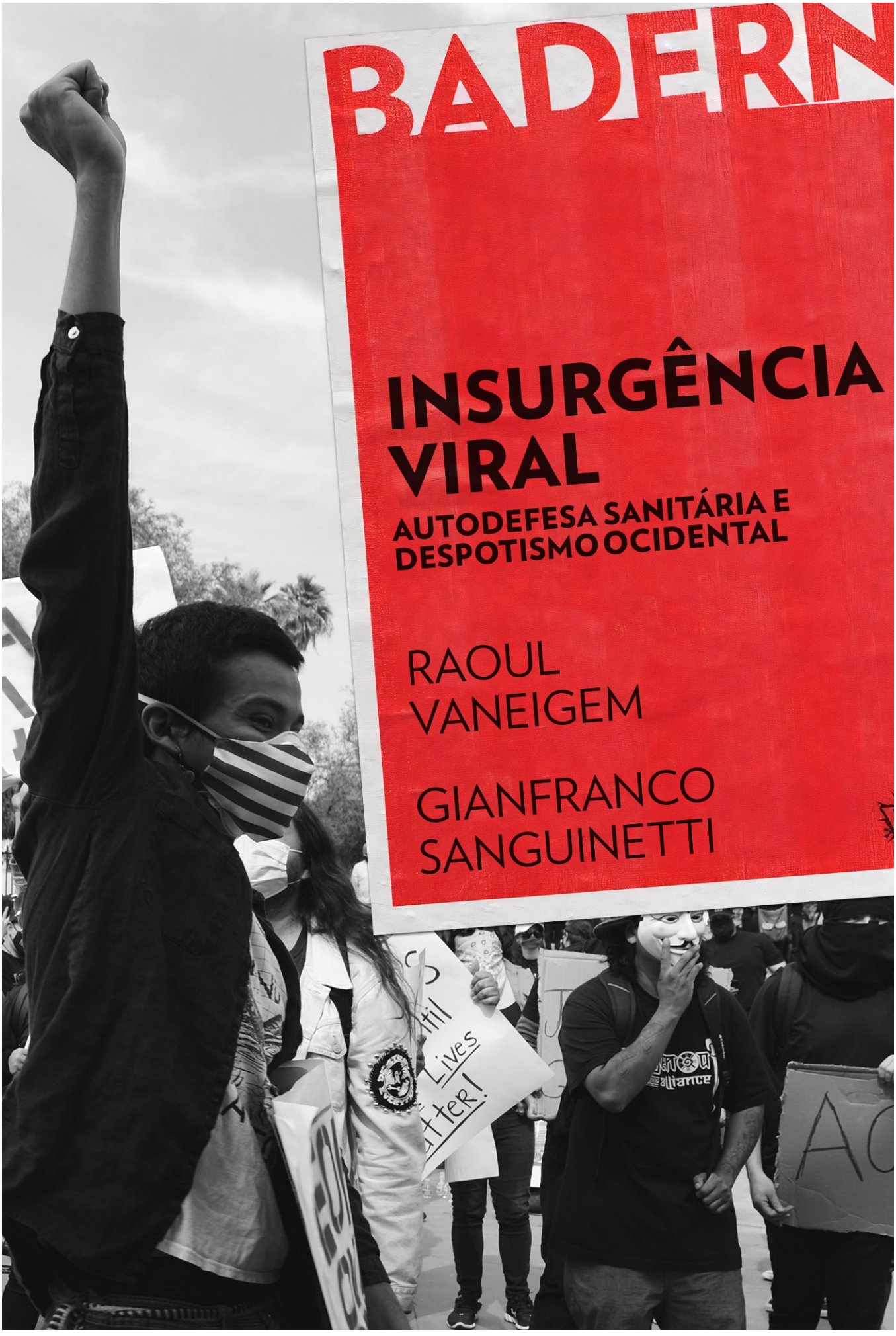
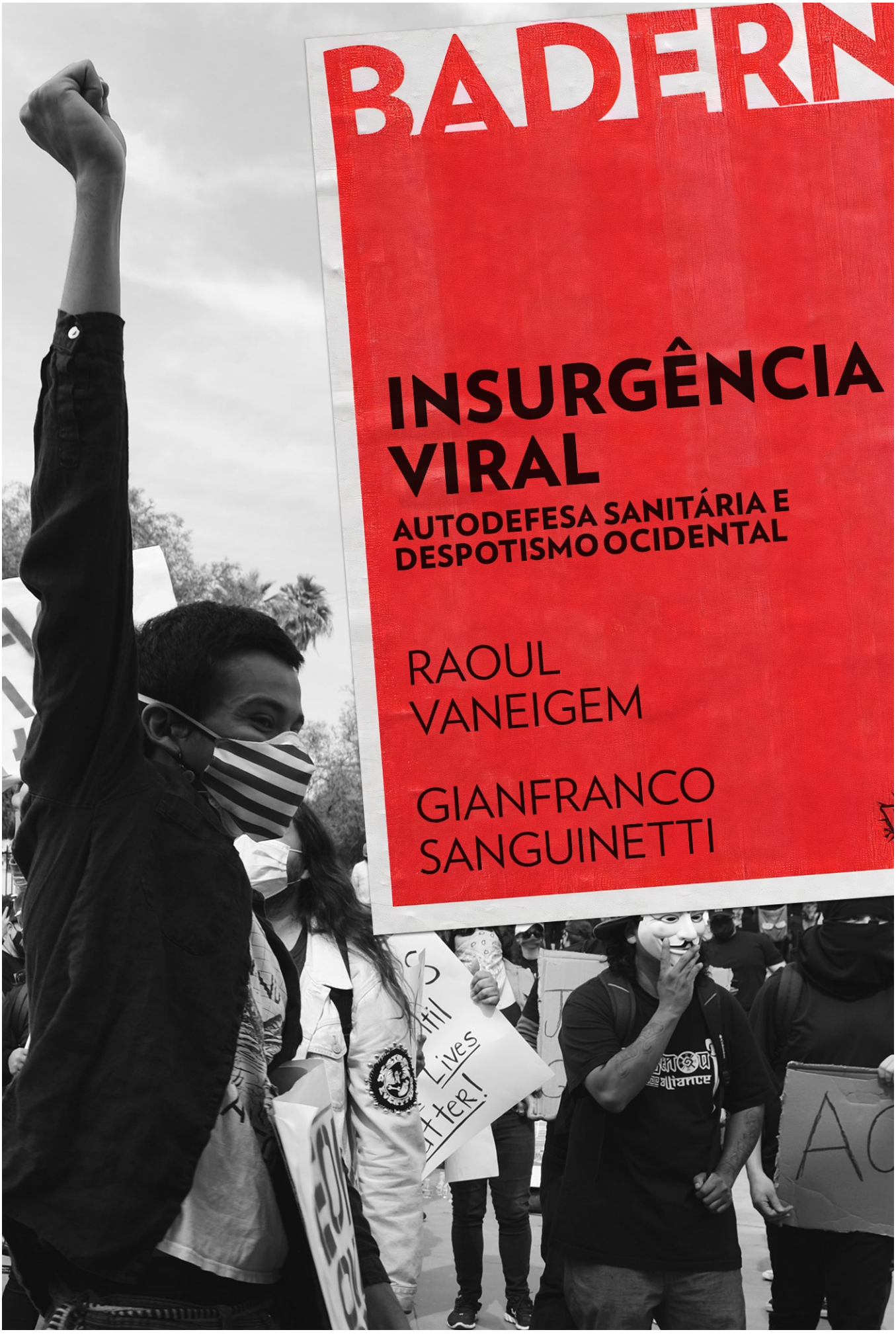

BADERN
INSURGÊNCIA VIRAL
AUTODEFESA SANITÁRIA E DESPOTISMO OCIDENTAL
RAOUL VANEIGEM
GIANFRANCO SANGUINETTI




BADERN
INSURGÊNCIA VIRAL
AUTODEFESA SANITÁRIA E DESPOTISMO OCIDENTAL
RAOUL VANEIGEM
GIANFRANCO SANGUINETTI




BADERN
INSURGÊNCIA VIRAL
AUTODEFESA SANITÁRIA E DESPOTISMO OCIDENTAL
RAOUL VANEIGEM
GIANFRANCO SANGUINETTI



Apresentação: Erick Corrêa
Tradução: Maria Teresa Mhereb e Erick Corrêa (Coronavírus, Povos do mundo, mais um esforço!, Decretemos a autodefesa sanitária) Andressa Tata Coutinho e Erick Corrêa (O despotismo ocidental)
Capa: César Zambone
Fotografia: Mike Von
Produção do e-book: Schaffer Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V252 Vaneigem, Raoul; Sanguinetti, Gianfranco Insurgência viral: autodefesa sanitária e despotismo ocidental / Raoul Vaneigem e Gianfranco Sanguinetti. Apresentação de Erick Corrêa. Tradução de Maria Teresa Mhereb, Erick Corrêa e Andressa Tata Coutinho. – São Paulo: Veneta, 2020. (Coleção Baderna). E-book; Il.

ISBN: 978-65-86691-02-3

1. Política. 2. Poder. 3. Despotismo. 4. Autoritarismo. 5. Democracia. 6. Política de Saúde. 7. Saúde Pública. 8. Coronavírus. 9. COVID 19. 10. Internacional Situacionista – IS. I. Título. II. Autodefesa sanitária e despotismo ocidental. III. Série. IV. Coronavírus. V. Povos do mundo, mais um esforço! VI. Decretemos a autodefesa sanitária. VII. O despotismo ocidental. VIII. Vaneigem, Raoul. IX. Sanguinetti, Gianfranco. X. Corrêa, Erick, Tradutor. XI. Mhereb, Maria Teresa, Tradutora. XII. Coutinho, Andressa Tata, Tradutora.

CDD 305

CDU 316

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

SUMÁRIO

Apresentação – *por Erick Corrêa*

Coronavírus – *por Raul Vaneigem*

Povos do mundo, mais um esforço! – *por Raoul Vaneigem*

Decretemos a autodefesa sanitária – *por Raoul Vaneigem*

O despotismo ocidental – *por Gianfranco Sanguinetti*

APRESENTAÇÃO

Erick Corrêa

Os textos aqui traduzidos para o português foram escritos por dois antigos membros da Internacional Situacionista (IS, 1957-1972), Raoul Vaneigem (1934-) e Gianfranco Sanguinetti (1948-). "Coronavírus", "Povos do mundo, mais um esforço!" e "Decretemos a autodefesa sanitária", de Vaneigem, e "O despotismo ocidental", de Sanguinetti, foram publicados originalmente em língua francesa, entre março e maio de 2020, nos sites *Lundi Matin* e *Mediapart*. O belga Vaneigem foi membro da seção francesa da IS até novembro de 1970, quando se demite da organização. O italiano Sanguinetti, da seção italiana, foi o único membro, além do francês Guy Debord (1931-1994), que permaneceu até a dissolução da IS. Autores de textos subversivos clássicos dos anos 1960 e 1970, como *Traité de savoir-vivre à l'usage des jeunes générations* (1967)[1], de Vaneigem, e *Rapporto veridico sulle ultime opportunita di salvare il capitalismo in Italia* (1975)[2], de Sanguinetti, entre diversos outros publicados na revista da IS e fora dela, ambos destacaram-se, com Debord, entre os mais fecundos teóricos situacionistas.

Muita coisa se passou no mundo após o refluxo das revoluções de 1968, ponto de virada histórico no qual as teses e práticas situacionistas espalharam-se como fogo em palha em diversas partes do mundo, influenciando movimentos revolucionários que, na década de 1970, rechaçaram em bloco, a leste e a oeste, tanto os regimes capitalistas de mercado quanto os de Estado. Inspirada pela inventividade utópica da experiência situacionista, aquela geração travaria suas lutas sem recorrer à dupla forma de organização, sindical e partidária, inscrita na tradição da velha esquerda social-democrata e bolchevique. Os situacionistas foram responsáveis pela criação de um campo de batalha novo, livre da zona de influência do chamado marxismo-leninismo, por onde trotskistas, maoístas, guevaristas, entre outros representantes das ideologias revolucionárias do socialismo de Estado, movimentavam suas organizações. Não sendo comunistas nem anarquistas, nem pró-russos nem pró-chineses, os grupos pró-situacionistas que se multiplicaram em várias partes do mundo pós-68 também não eram conselhistas nem autonomistas, como pode parecer à primeira vista[3]. Coloco estas questões apenas a título de esclarecimento, pois os textos aqui apresentados, escritos durante a pandemia mundial do coronavírus, já não podem ser considerados propriamente situacionistas, dado que a IS se dissolveu em 1972.

Desde o final dos anos 1960, o mundo do *espetáculo*, conceito elaborado pelos situacionistas nos anos 1950 e 1960 e cuja expressão teórica mais acabada foi apresentada por Debord em *La société du spectacle* (1967)[4], mergulhou em um estado de crise permanente e generalizada: cultural, política, econômica, ecológica, securitária e sanitária. A intensidade e extensão dessa crise sistêmica do capitalismo espetacular, que ensejou uma passagem dos diagnósticos e prognósticos da *crisologia* dos anos 1970 para os da *colapsologia* dos anos 2000, tiveram na pandemia global do coronavírus um inesperado ponto de aceleração histórica, provocando uma avalanche de *futurologias* a meio caminho entre a filosofia, a ciência e a escatologia religiosa. Parece haver nesses prognósticos apocalípticos sobre o abismo que se precipita um mesmo fio condutor, baseado no diagnóstico de que a crise atual está dividindo a história em um segundo *antes* e *depois*, espécie de *remake* secularizado das origens da era cristã.

Vaneigem e Sanguinetti compartilham o diagnóstico de acordo com o qual "o mundo está mudando"[5] e que passamos pelo "fim de um mundo e de uma civilização"[6]. Nas palavras de Sanguinetti, estaria em jogo no presente uma passagem dos antigos golpes de Estado nacionais para um *coup de monde*[7], de alcance global. Todavia, apesar do diagnóstico comum, suas perspectivas parecem apontar para horizontes opostos. O prognóstico de Vaneigem parece se inscrever num horizonte de expectativas crescentes, o de Sanguinetti, decrescentes. O otimismo do primeiro parece esbarrar no pessimismo do segundo. Vaneigem parece apostar em uma vitória da crítica sobre a crise, no poder da democracia autogestionária sobre a democracia parlamentar, da vida sobre a morte, da humanidade sobre a desumanização, da insurreição da vida cotidiana sobre a ordem da militarização. Sanguinetti, na vitória da crise sobre a crítica, do despotismo sobre a democracia, da morte sobre a vida, do medo sobre a luta de classes, da doutrina da contrainsurreição sobre a subversão. Para falarmos em termos situacionistas, decerto anacrônicos, mas de forma alguma ultrapassados, Vaneigem apostaria no *fim do mundo do espetáculo*, enquanto Sanguinetti, no *espetáculo do fim do mundo*.

Uma leitura mais atenta, porém, permite entrever suas reflexões em uma zona de indeterminação entre otimismo e pessimismo. Se, por um lado, Vaneigem sabe que "o nosso presente não é o confinamento que a sobrevivência nos impõe, é a abertura para todos os possíveis"[8], sabe também que "a ordem democrática não poderia ter desejado um pretexto melhor para se proteger contra a ira do povo"[9]. Por outro lado, se Sanguinetti sabe que "a epidemia vai acabar, mas não todas as medidas,

possibilidades e consequências que ela desencadeou e que estamos em vias de experimentar", sabe também que "aqueles que têm um emprego precário, e não têm nada a perder, vão começar as lutas e sabotagens"[10].

Nos *Comentários sobre a sociedade do espetáculo* (1988)[11], em uma de suas últimas teses, Debord cita uma passagem de Baltasar Gracián plena de otimismo e, em seguida, um poema pessimista de Omar Khayyám, assumindo, pelo modo enigmático característico desta obra, uma posição intermediária entre otimismo e pessimismo. Debord tanto desprezava as "tagarelices idiotas do otimismo", tal como ele dizia em seu *Panégyrique* (1989)[12], como considerava alguns verbetes de Jaime Semprun, publicados na revista *Encyclopédie des Nuisances*[13], "pessimistas demais" em relação ao "quadro geral das nocividades" da época[14]. Em dezembro de 1986, ao confidenciar a preparação dos *Comentários* a Jean-François Martos, Debord o alertava para o fato de que "o trabalho da crítica revolucionária seguramente não é o de levar as pessoas a descrer da possibilidade da revolução"[15]. Tal entendimento deveria ser lido como epígrafe aos textos de Vaneigem e Sanguinetti ora traduzidos e apresentados. Pois, se é verdade que os processos revolucionários de 2018-2019, da França ao Chile, de Hong Kong ao Líbano, do Equador à Argélia, mantiveram-se dispersos e desarticulados no plano internacional, não ameaçando, como em 1968, a nova ordem integrada do espetáculo, não restam dúvidas de que jamais as condições foram por toda parte tão gravemente revolucionárias.

O incêndio de Minneapolis, nos Estados Unidos, de certo modo "profetizado" por Sanguinetti e que, em um curto espaço de tempo, consumiu o restante do país, parece ter inaugurado um período no qual a obediência à impostura do *Estado de emergência securitário*, permanente e global, vê-se perturbada pelo *verdadeiro estado de emergência* que apenas a insurreição da vida cotidiana pode instaurar sobre o mundo do espetáculo. Se esse dado novo, surgido após as intervenções de Vaneigem e Sanguinetti, aponta para uma resposta à alternativa entre "espetáculo do fim do mundo" e "fim do mundo espetáculo", é impossível sabê-lo, pois isto *depende de fatores ainda em luta e, por isso, de desfecho imprevisível*. Certo é que, como diziam os situacionistas, "nós não queremos trabalhar para o espetáculo do fim do mundo, mas para o fim do mundo do espetáculo"[16].

Solstício de Inverno, 2020

CORONAVÍRUS [17]

Raoul Vaneigem

Contestar o perigo do coronavírus é certamente absurdo. Por outro lado, não é igualmente absurdo que uma interrupção do curso habitual das doenças esteja sujeita a tamanha exploração emocional e reúna na velha matilha aquela arrogante incompetência que outrora empurrou a nuvem de Chernobil para fora da França? Sabemos, obviamente, com que facilidade o espectro do apocalipse salta da caixa de pandora para se apoderar do primeiro cataclismo que apareça, para recuperar o imaginário do dilúvio universal e fincar o arado da culpa no solo estéril de Sodoma e Gomorra.

A maldição divina servia utilmente ao poder. Pelo menos até o terremoto de Lisboa em 1755, quando o Marquês de Pombal, amigo de Voltaire, aproveitou o tremor para massacrar os jesuítas, reconstruir a cidade de acordo com suas concepções e liquidar alegremente seus rivais políticos por meio de processos "protostalinistas". Não faremos a Pombal, por mais odioso que ele seja, a afronta de comparar sua iluminação ditatorial com as miseráveis medidas que o totalitarismo democrático tem aplicado mundialmente à epidemia do coronavírus.

Que cinismo, imputar a propagação do flagelo à deplorável insuficiência dos recursos médicos disponíveis! Há décadas que o bem público está comprometido, que o setor hospitalar paga o preço de uma política que favorece os interesses financeiros em detrimento da saúde dos cidadãos. Há sempre mais dinheiro para os bancos e cada vez menos leitos e profissionais da saúde para os hospitais. Que artimanhas dissimularão por mais tempo que essa *gestão catastrófica do catastrofismo* é inerente ao capitalismo financeiro mundialmente dominante e hoje mundialmente combatido em nome da vida, do planeta e das espécies a serem salvas?

Sem repetir a ladainha do castigo divino, que é a ideia de uma Natureza que se livra do Homem como de um verme indesejável e prejudicial, convém lembrar que, durante milênios, a exploração da natureza humana e da natureza terrestre impôs o dogma da *antiphysis*, da antinatureza. O livro de Eric Postaire, *Les épidémies du XXIe siècle*[18], publicado em 1997, confirma os efeitos desastrosos da desnaturação persistente que venho denunciando há décadas. Evocando o drama das "vacas loucas" (previsto por Rudolf Steiner desde 1920), o autor lembra que, além de desamparados diante de certas doenças, tomamos consciência de que o próprio progresso científico pode provocá-las. Em seu apelo por uma abordagem responsável das epidemias e de seu tratamento, ele denuncia o que o prefaciador Claude Gudin chama de "filosofia da caixa registadora". Ele coloca a questão: "Ao subordinar a saúde da população às leis do lucro, a ponto de transformar animais herbívoros em carnívoros, não corremos o risco de provocar catástrofes fatais para a Natureza e para a Humanidade?" Os governantes, como sabemos, já responderam com um SIM unânime. Que importa, se o NÃO dos interesses financeiros continua a triunfar cinicamente?

Seria mesmo necessário o coronavírus para demonstrar aos mais teimosos que a desnaturação por razões de rentabilidade tem consequências para a saúde universal – esta que é gerida zelosamente por uma Organização Mundial cujas preciosas estatísticas dissimulam o desaparecimento dos hospitais públicos? Existe uma correlação óbvia entre o coronavírus e o colapso do capitalismo mundial. Ao mesmo tempo, não parece menos óbvio que aquilo que recobre e submerge a epidemia do coronavírus é uma peste emocional, um medo histérico que, ao mesmo tempo, encoberta as deficiências do tratamento e perpetua o mal aterrorizando o paciente. Durante as grandes epidemias do passado, as populações faziam penitência e proclamavam sua culpa açoitando-se. Não têm os gestores da desumanização mundial interesse em persuadir as pessoas de que não há saída para o destino miserável que lhes é reservado? Que só lhes resta a flagelação da servidão voluntária? A formidável máquina midiática apenas martela a velha mentira do decreto celestial, impenetrável e inescapável, em que o dinheiro louco substituiu os deuses sanguinários e caprichosos do passado.

As explosões da barbárie policial contra manifestantes pacíficos demonstraram amplamente que a lei militar é a única coisa que funciona de forma eficaz. Ela confina hoje mulheres, homens e crianças em quarentena. Lá fora, o caixão, aqui dentro, a televisão, janela aberta para um mundo fechado! É um condicionamento capaz de agravar o desconforto existencial apostando nas emoções esfoladas pela ansiedade, exacerbando a cegueira da indignação impotente.

Mas mesmo a mentira não resiste ao colapso geral. A cretinização estatal e populista atingiu seus limites. Ela não pode negar que uma experiência está em curso. A desobediência civil se propaga e sonha com sociedades radicalmente novas porque radicalmente humanas. A solidariedade liberta da pele de cordeiro individualista indivíduos que já não temem pensar por si mesmos.

O coronavírus tornou-se o revelador da falência do Estado. Este é, pelo menos, um objeto de reflexão para as vítimas do confinamento forçado. Quando minhas *Modestes propositions aux grévistes*[19] foram publicadas, alguns amigos disseram-me que seria difícil recorrer à recusa coletiva, que eu sugeria, em pagar impostos, taxas e tributações. Ora, eis que a comprovada falência do Estado-vigarista atesta a dilapidação econômica e social que torna absolutamente falidas as pequenas e médias empresas, o comércio local, os rendimentos modestos, a agricultura familiar e mesmo as profissões ditas liberais. O colapso do Leviatã conseguiu convencer mais rapidamente do que nossas deliberações para derrubá-lo.

O coronavírus saiu-se ainda melhor. O fim das nocividades produtivistas reduziu a poluição mundial, poupando milhões de pessoas da morte programada, a natureza respira, os golfinhos voltam a se divertir na Sardenha, os canais de Veneza purificados do turismo de massa reencontram água limpa, o mercado de ações entra em colapso. A Espanha decide nacionalizar os hospitais privados, como se redescobrisse a seguridade social, como se o Estado se lembrasse do Estado de bem-estar que destruiu.

Nada está garantido, tudo começa. A utopia ainda está de quatro. Abandonemos à inanidade celestial os bilhões de títulos e ideias vazias que pairam sobre nossas cabeças. O importante é "cuidarmos nós mesmos dos nossos interesses", deixando a bolha dos negócios desmoronar e implodir. Não cedamos à falta de audácia e de confiança em nós mesmos!

Nosso presente não é o confinamento que a sobrevivência nos impõe, é a abertura para todos os possíveis. É sob o efeito do pânico que o Estado oligárquico é forçado a adotar medidas que ainda ontem declarava impossíveis. É ao chamado da vida e da terra a restaurar que queremos responder. A quarentena é propícia à reflexão. O confinamento não abole a presença da rua, reinventa-a. Permitam-me acreditar, *cum grano salis*, que a insurreição da vida cotidiana tem virtudes terapêuticas inesperadas.

POVOS DO MUNDO, MAIS UM ESFORÇO![20]

Raoul Vaneigem

O mundo está mudando

O choque do coronavírus não fez senão levar a cabo a condenação que produziu contra si mesma uma economia totalitária fundada na exploração do homem e da natureza.

O velho mundo desfalece e desmorona. O novo, estarrecido com o acúmulo de ruínas, não ousa removê-las; mais temeroso do que resoluto, luta para recuperar a ousadia da criança que está aprendendo a andar. Como se chorar por tanto tempo pelo desastre tivesse deixado as pessoas sem voz.

Mas aquelas e aqueles que escaparam aos tentáculos mortais da mercadoria erguem-se em meio aos escombros. Despertam para a realidade de uma existência que não será mais a mesma. Desejam libertar-se do pesadelo que a desnaturação da terra e de seus habitantes lhes trouxe.

Não é essa a prova de que a vida é indestrutível? Não é contra essa evidência que se arrebentam, na mesma ressaca, as mentiras de cima e as denúncias de baixo?

A luta, para os vivos, dispensa justificativas. A reivindicação da soberania da vida é capaz de aniquilar o império da mercadoria, cujas instituições estão abaladas no mundo todo.

Até agora, lutamos apenas por nossa sobrevivência. Estivemos confinados em uma selva social na qual reinava a lei dos mais fortes e mais astutos. Deixaremos a prisão que a epidemia de coronavírus nos obrigou a suportar para voltar à velha dança macabra da presa e do predador? Não é evidente para todas e todos que a insurreição da vida cotidiana, da qual os coletes amarelos foram o prenúncio na França, nada mais é do que a superação da sobrevivência que uma sociedade predatória nos impõe cotidiana e militarmente?

O que não queremos mais é o fermento do que queremos

A vida é um fenômeno natural em ebulição experimental permanente. Não é boa nem ruim. Seu maná nos deu de presente tanto a mórula quanto a *Amanita phalloides*. Está em nós e no universo como uma força cega. Mas ela dotou a espécie humana da capacidade de distinguir a mórula da *Amanita*, e mais do que isso! Ela nos armou com uma consciência, nos deu a capacidade de criarmos a nós mesmos recriando o mundo.

Para nos fazer esquecer dessa extraordinária faculdade, foi preciso depositar sobre nossas costas o peso de uma história que começou com as primeiras cidades-Estado e que termina – tanto mais depressa quanto agirmos sobre ela – com o desmoronamento da mundialização mercantil.

A vida não é especulação. Ela se lixa para protocolos de respeito, veneração e adoração. Não tem outro significado senão o da consciência humana, com a qual dotou nossa espécie para iluminá-la.

A vida e seu significado humano são a poesia feita por cada pessoa e por todas. Essa poesia sempre resplandeceu nas grandes revoltas da liberdade. Não queremos mais que ela seja, como no passado, um relâmpago fugaz. Queremos pôr em prática uma insurreição permanente, que, como o fogo apaixonado da vida, se abranda mas nunca se apaga.

Por toda parte, escuta-se o canto improvisado de todas e todos os oprimidos. É nossa vontade de viver, quebrando as correntes do poder e da predação. Correntes que nós, mulheres e homens, forjamos para nosso infortúnio.

Eis-nos aqui, no coração de uma mutação social, econômica, política e existencial. É o momento do "*Hic Rhodus, hic salta*", "Aqui é Rhodes, salte aqui". Não se trata de uma injunção para reconquistar o mundo do qual fomos expulsos. É o sopro de uma vida à que o irresistível ímpeto dos povos restituirá os direitos absolutos.

A aliança com a natureza exige o fim de sua exploração lucrativa

Não temos sido suficientemente conscientes da relação intrínseca entre a violência exercida pela economia contra a natureza e a violência que o patriarcado inflige às mulheres desde seu início, três ou quatro mil anos antes da chamada era cristã.

Com o capitalismo verde-dólar, a pilhagem brutal dos recursos do planeta tende a dar lugar às grandes manobras da corrupção. Em nome da proteção da natureza, é a natureza mesma que está sendo precificada. É o que acontece também no simulacro de uma relação amorosa, em que o abusador se traveste de sedutor para melhor agarrar sua presa. A predação há muito tempo recorre à tática da luva de pelica.

Nosso momento exige uma nova e urgente aliança com a natureza. Não é, obviamente, uma questão de encontrar – como poderíamos? – aquela simbiose com o ambiente natural na qual as civilizações de coletores evoluíram antes de serem suplantadas por uma civilização baseada no comércio, na agricultura intensiva, na sociedade patriarcal e no poder hierárquico.

Trata-se, isso sim, de restaurar um ambiente natural onde a vida seja possível, o ar, respirável, a água, potável, a agricultura, livre de venenos, as liberdades do comércio, revogadas em nome da liberdade dos vivos, o patriarcado, desmembrado, as hierarquias, abolidas.

Os efeitos da desumanização e dos ataques sistemáticos ao meio ambiente não precisaram do coronavírus para demonstrar a toxicidade da opressão do mercado. Por outro lado, a gestão catastrófica do cataclismo mostrou a incapacidade do Estado em demonstrar qualquer eficácia fora de sua única função: a repressão, a militarização dos indivíduos e das sociedades.

A luta contra a desnaturação dispensa promessas e intenções retóricas louváveis, sejam elas corrompidas ou não pelo mercado de energias renováveis. Ela se baseia em um projeto prático que conta com a inventividade dos indivíduos e das comunidades. A permacultura, renaturando as terras envenenadas pelo mercado de pesticidas, é apenas um exemplo da criatividade de um povo que tem tudo a ganhar destruindo aquilo que conjurou sua perda. É hora de banir a pecuária concentracionária cujo método de maus tratos aos animais foi a causa da peste suína, da gripe aviária e das vacas tornadas loucas pela loucura do dinheiro fetichizado, que a razão econômica tentará mais uma vez nos fazer engolir e digerir.

Seria diferente do nosso o destino desses animais que saem do confinamento para entrar no abatedouro? Não estamos em uma sociedade que paga dividendos ao parasitismo corporativo e deixa homens, mulheres e crianças morrerem à míngua? Uma incontrolável lógica econômica alivia, assim, o peso da tributação previdenciária atribuída ao crescente número de idosas e idosos. Ela preconiza uma solução final que os condena impunemente a morrer em asilos sem recursos e sem cuidadores. Em Nancy, na França, um alto funcionário da saúde declarou que a epidemia não é uma razão válida para não cortar mais leitos e pessoal hospitalar. Ninguém o expulsou com um grande chute no traseiro. Os assassinos econômicos suscitam menos comoção do que um doente mental que corre pelas ruas brandindo a faca da iluminação religiosa.

Não estou apelando para o justiçamento nem preconizando a setembrização dos imundos cabeças de planilha. Peço apenas que a generosidade humana torne impossível o retorno à razão mercantil.

Todas as formas de governo que conhecemos foram à falência, iludidas por sua cruel absurdidade. Cabe ao povo implementar um projeto de sociedade que restaure uma unidade fundamental entre o ser humano, os animais, as plantas e os minerais.

A mentira que qualifica tal projeto como utópico não resistiu ao choque da realidade. A história esbofeteou a civilização mercantil com a obsolescência e a insanidade. A construção de uma civilização humana não só se tornou possível, como abriu o único caminho que, apaixonada e desesperadamente sonhado por inúmeras gerações, conduz ao fim de nossos pesadelos.

Pois o desespero mudou de campo, ele pertence ao passado. Ainda temos a paixão de um presente a construir. Dedicaremos nosso tempo para abolir o *time is money*, que é o tempo da morte programada.

A renaturação é um caldo de novas culturas em que teremos de tatear entre a confusão e a inovação nos mais diversos domínios. Não temos dado crédito demais a uma medicina mecanicista que muitas vezes trata o corpo como um mecânico trata o carro que precisa de conserto? Como não desconfiar de um especialista que nos remenda para em seguida nos mandar de volta ao trabalho?

Há tanto tempo martelado pelos imperativos produtivistas, o dogma do antinatural não contribuiu para exasperar nossas reações emocionais, para espalhar o pânico e a histeria securitária, exacerbando o conflito com um vírus que a *imunidade* de nosso organismo teria tido alguma chance de tornar menos agressivo se não tivesse sido minada por um totalitarismo mercantil ao qual nada do que é desumano lhe é estranho?

Temos sido afogados pelo progresso da tecnologia. Para conseguir o quê? Os ônibus espaciais para Marte e a falta de leitos e respiradores hospitalares na Terra.

Certamente, haverá muito mais com que nos maravilharmos nas descobertas de uma vida sobre a qual pouco ou nada sabemos. Quem duvidaria disso? Todas e todos, exceto os oligarcas e seus lacaios, que a diarreia mercantil esvazia de sua substância e que nós confinaremos em suas latrinas.

Acabar com a militarização dos corpos, da moral, das mentalidades

A repressão é a última razão de ser do Estado. Ele próprio se submete a ela sob a pressão das multinacionais que impõem seus ditames sobre a terra e a vida. A previsível contestação aos governos responderá à seguinte questão: o confinamento teria sido relevante se a infraestrutura médica fosse realmente eficiente e não continuamente desmantelada pelo *dever de rentabilidade*?

Enquanto isso – é forçoso dizer – a militarização e a ferocidade securitária assumiram o papel da repressão em curso no mundo todo. A ordem democrática não poderia ter desejado um pretexto melhor para se proteger contra a ira do povo. O aprisionamento em casa não era o objetivo dos dirigentes, preocupados com o cansaço que ameaçava suas tropas de choque, de espancadores, de assassinos assalariados? Belo ensaio geral para essa armadilha usada contra manifestantes pacíficos que exigem, entre outras coisas, a reabilitação dos hospitais.

Pelo menos fomos avisados: os governos farão tudo o que puderem para nos fazer transitar do confinamento ao cativeiro. Mas quem concordará em fazer uma transição dócil da austeridade carcerária para o conforto da servidão remendada?

É provável que a ira do confinado aproveite a ocasião para denunciar o sistema tirânico e monstruoso que trata o coronavírus à moda do terrorismo multicolorido do qual o mercado do medo tira proveito.

A reflexão não para por aí. Pensemos nas crianças em idade escolar que, no país dos Direitos Humanos, foram obrigadas a ajoelhar-se diante da polícia do Estado. Pensemos na própria educação, com que, há séculos, o autoritarismo professoral tem colocado entraves à curiosidade espontânea da criança e impedido a generosidade do conhecimento de se difundir livremente. Pensemos no quanto a obstinação concorrencial, a competição, o arrivismo do "sai do meu caminho que eu quero passar" tem nos confinado a uma caserna.

A servidão voluntária é um soldado que caminha a passos largos. Um passo para a esquerda, um passo para a direita? Que importa? Ambos permanecem na Ordem das coisas.

Quem aceita o ladrar dos cães, venham eles de cima ou de baixo, tem, de agora em diante, apenas um futuro como escravo.

Sair do mundo mórbido e enclausurado da razão mercantil

A vida é um mundo que se abre, ao mesmo tempo em que é abertura para o mundo. Certamente, ela tem sofrido com frequência esse terrível fenômeno da inversão, em que o amor se transforma em ódio, em que a paixão pela vida se transforma em instinto de morte. Durante séculos, ela foi escravizada, colonizada pela rude necessidade de trabalhar e sobreviver como um bicho.

Contudo, não conhecemos nenhum exemplo de confinamento, em celas isoladas, de milhões de casais, famílias e pessoas solitárias a quem o fracasso dos serviços de saúde tenha convencido a aceitar seu destino, senão docilmente, ao menos com uma raiva contida.

Cada pessoa se encontra sozinha, confrontada com uma existência em que é tentada a separar a parte do trabalho servil da parte dos desejos loucos. Seria o tédio dos prazeres consumíveis compatível com a exaltação dos sonhos que a infância deixou cruelmente inacabados?

A ditadura do lucro resolveu tirar tudo de nós no momento exato em que sua impotência se espalha pelo mundo e a expõe a uma possível aniquilação.

A absurda desumanidade que nos tem adoecido há tanto tempo explodiu como um abscesso no confinamento a que nos conduziu a política de assassinato lucrativo, cinicamente praticada pelas máfias financeiras.

A morte é a última indignidade que os seres humanos infligem a si mesmos. Não sob o efeito de uma maldição, mas por causa da desnaturação a que foram submetidos.

Apenas uma vida redescoberta e restaurada será capaz de quebrar as correntes que nos forjamos com o medo e a culpa. Não é isso que o poder invencível da ajuda mútua e da solidariedade demonstra nestes tempos de opressão extrema?

Uma educação replicada ao longo de milhares de anos nos ensinou a reprimir nossas emoções, a quebrar nossos ímpetos de vida, para que a besta que habita em nós se tornasse um anjo. Nossas escolas são covis de hipócritas, de reprimidos, de torturadores que raciocinam. Os últimos entusiastas do conhecimento percorrem-nas com a coragem do desespero. Ao deixar nossas celas prisionais, aprenderemos finalmente a libertar a ciência da camisa de força de sua lucrativa utilidade? Esforçaremo-nos para aguçar nossas emoções e não para reprimi-las? Para reabilitar nossa animalidade e não para domá-la como domamos nossas irmãs e irmãos supostamente inferiores?

Não incito aqui a infinita boa vontade ética e psicológica, aponto para o mercado do medo em que a sentinela faz ressoar suas botas. Chamo a atenção para essa manipulação das emoções que embrutece e cretiniza as multidões, advirto contra a culpabilização que ronda em busca de bodes expiatórios.

Cerco aos velhos, aos desempregados, aos sem-documentos, aos sem-teto, aos estrangeiros, aos coletes amarelos, aos não confinados! É o rugido desses acionistas do vazio que se valem do coronavírus para espalhar a peste emocional. Os mercenários da morte apenas obedecem aos ditames da lógica dominante.

O que deve ser erradicado é o sistema de desumanização criado e aplicado ferozmente por aqueles que o defendem em nome do poder e do dinheiro. Há muito tempo o capitalismo tem sido julgado e condenado. Estamos agora submersos em uma miríade de súplicas contra ele. Isso basta.

O imaginário capitalista identificava sua agonia com a agonia do mundo inteiro. O espectro do coronavírus foi, se não o resultado premeditado, pelo menos a ilustração exata de seu absurdo feitiço maléfico. A causa do problema é clara. A exploração do homem pelo homem, da qual o capitalismo é um avatar, é um experimento que deu errado. Façamos com que sua sinistra brincadeira de aprendiz de feiticeiro seja devorada por um passado do qual ela jamais deveria ter saído.

Somente a exuberância de uma vida reencontrada pode quebrar de um só golpe os grilhões da barbárie mercantil e a carapaça caracterial que carimba na carne viva de cada pessoa o selo do economicamente correto.

A democracia autogestionária anula a democracia parlamentar

Não podemos mais tolerar que, empoleirados em todos os níveis de suas comissões nacionais, europeias, atlânticas e mundiais, os responsáveis desempenhem ao mesmo tempo o papel do culpado e do inocente. A bolha da economia, que eles inflaram com dívidas virtuais e dinheiro fictício, implode e agoniza diante dos nossos olhos. A economia está paralisada.

Mesmo antes do coronavírus revelar a extensão do desastre, as "altas instâncias" griparam e pararam as máquinas, seguramente de forma mais contundente do que as greves e movimentos sociais que, por mais contestadores que tenham sido, foram, no entanto, menos eficazes.

Chega dessas farsas eleitorais e notas de repúdio descartáveis. Que esses representantes eleitos, envoltos em finanças, sejam varridos como lixo e desapareçam do nosso horizonte, assim como desapareceu de dentro deles aquela parcela de vida que lhes emprestava uma fisionomia humana.

Não queremos julgar e condenar o sistema opressivo que nos condenou à morte. Queremos destruí-lo.

Como não desabarmos neste mundo que está em colapso, dentro e diante de nós, se não construirmos uma sociedade com a humanidade que permanece ao nosso alcance, através da solidariedade individual e coletiva? A consciência de uma economia gerida pelo povo e para o povo implica a liquidação dos mecanismos da economia de mercado.

Em seu último lampejo, o Estado não se contentou em tomar cidadãos como reféns e aprisioná-los. Sua incapacidade de ajudar as pessoas em perigo as mata aos milhares.

O Estado e seus financiadores têm destruído os serviços públicos. Nada mais funciona. Disto temos certeza: a única coisa que ele consegue fazer funcionar é a organização criminosa do lucro.

Eles têm conduzido seus interesses com desprezo pelo povo, e o resultado é deplorável. Cabe ao povo cuidar de seus próprios interesses e arruinar os deles. Cabe a nós começar tudo de novo e de novas maneiras.

Quanto mais o valor de troca prevalece sobre o valor de uso, mais o reinado da mercadoria é imposto. Quanto mais dermos prioridade ao uso que desejamos fazer de nossa vida e de nosso meio ambiente, mais a mercadoria perderá seu vigor. A gratuidade lhe dará o golpe fatal.

A autogestão marca o fim do Estado, que a pandemia trouxe à luz junto com sua falência e nocividade. Os protagonistas da democracia parlamentar são os coveiros de uma sociedade que foi desumanizada em nome da rentabilidade.

Por outro lado, temos visto o povo, confrontado com as deficiências dos governos, demonstrar uma solidariedade inabalável e implementar uma verdadeira *autodefesa sanitária*. Não está aí uma experiência que deixa entrever uma extensão das práticas de autogestão?

Nada é mais importante do que nos prepararmos para assumir os setores públicos, outrora de responsabilidade do Estado, antes que a ditadura do lucro faça deles sucata.

O Estado e a ganância de seus financiadores paralisaram tudo, exceto o enriquecimento dos ricos. Ironia da história, o empobrecimento é agora a base para uma reconstrução geral da sociedade. Como poderia aquela ou aquele que enfrentou a morte ter medo do Estado e de sua tropa policialesca?

Nossa riqueza é a nossa vontade de viver.

A recusa em pagar impostos deixou de fazer parte do repertório das incitações subversivas. Como poderão pagar por eles esses milhões de pessoas que ficarão sem sustento enquanto bilhões de dólares continuam a ser engolidos pelo abismo da má fé financeira e da dívida que criaram? Não esqueçamos: é da prioridade dada ao lucro que nascem as pandemias e a incapacidade de lidar com elas. Nada aprenderemos com a lição da vaca louca? Admitiremos, afinal de contas, que o mercado e seus gestores é que são o vírus a ser erradicado?

Não é mais o momento para indignação, lamentos e confusão intelectual. Insisto na importância das decisões que as assembleias locais e federadas tomarão "pelo povo e para o povo" em matéria de alimentação, moradia, transporte, saúde, educação, de cooperativas monetárias, da melhoria do ambiente humano, animal e vegetal.

Vamos em frente, mesmo que seja preciso arriscar. É melhor errar experimentando do que retroceder repetindo os erros do passado. A autogestão germina na insurreição da vida cotidiana. Recordemos que o que destruiu e interrompeu a experiência das comunidades libertárias da revolução espanhola foi a impostura comunista.

Não peço a ninguém que concorde comigo, muito menos que me siga. Percorro meu caminho. Cabe a todas e todos e a cada uma e cada um fazer o mesmo. O desejo pela vida não tem limites. Nossa verdadeira pátria está em todos os lugares onde a liberdade de viver é ameaçada. Nossa terra é uma pátria sem fronteiras.

DECRETEMOS A AUTODEFESA SANITÁRIA[21]

Raoul Vaneigem

A ameaça que o coronavírus tem representado para a saúde das pessoas ao redor do mundo demonstrou que o perigo real vinha de uma deterioração dos serviços médicos. Essa degradação será sem dúvida acelerada pelos imperativos de lucro que prevalecem em toda parte.

Gerenciar hospitais como negócios rentáveis significa pagar mal e superexplorar suas funcionárias e funcionários, reduzir o número de leitos e de recursos técnicos. As grandes empresas farmacêuticas estão paralisando as verdadeiras pesquisas, levando ao descrédito os cientistas que elas financiam, proibindo os medicamentos de baixo custo que provaram seu valor para vender outros de natureza duvidosa, cuja única garantia de eficácia é o interesse financeiro que produzirão.

É evidente que os Estados não hesitarão em repetir o golpe das liberdades restritas, que funcionou tão bem para eles. Ao mesmo tempo que permitem que os vírus liberados com o derretimento do *permafrost* se espalhem, usarão sem escrúpulos o mesmo pretexto epidêmico para confinar preventivamente aquelas e aqueles que se rebelarem contra sua política criminosa. Temos que desarticular essa manobra a partir de agora.

Nossas vidas e as vidas de nossas filhas e filhos estão em jogo: decretemos a *autodefesa sanitária*. Nas ruas, nas cidades, no campo, vistamos o jaleco branco dos enfermeiros. Somos todos cuidadores, todos promotores de saúde!

A morbidez do Estado e das instituições supranacionais é permanente. Imponhamos, pela permanência e intransigência de nossas lutas, o direito imprescindível à vida.

Coletes amarelos, pretos, vermelhos e multicoloridos são apenas as vestimentas de uma revolução comprometida com o futuro da humanidade. O jaleco branco é, mais do que um símbolo, uma prática. Se invadir as ruas, como o Estado policial poderá enfrentá-lo?

Cabe aos povos, principais vítimas das medidas coercitivas e da má prática orçamentária, criar condições para que todas e todos possam erradicar a doença de que o capitalismo é o vírus mais implacável. Desobediência civil, resistência à opressão, solidariedade festiva, há melhores garantias para a saúde?

Somos todos cuidadores. A luta está em toda parte onde o poder das Comunas proíbe os pesticidas e as degradações, reinventa a escola, os transportes, as estruturas hospitalares, a existência cotidiana. Segundo um conhecido adágio médico, a maioria dos males cura-se a si mesma se lhe for dado tempo suficiente. Somos esse tempo.

O DESPOTISMO OCIDENTAL[22]

Gianfranco Sanguinetti

A conversão das democracias representativas do Ocidente em um despotismo completamente novo tem assumido, em razão do vírus, a figura jurídica da "força maior" (na jurisprudência, força maior é, como sabemos, um caso de exoneração de responsabilidade). Assim, o novo vírus é, ao mesmo tempo, o catalisador do evento e o elemento de distração das massas *pelo medo*.[23]

Entre tantas hipóteses que havia apresentado desde meu livro *Du Terrorisme et de l'État* (1979)[24] sobre como teria sido produzida essa conversão, a meu ver inevitável, da democracia formal ao despotismo real, devo confessar que não havia imaginado que ela pudesse acontecer sob o pretexto de um vírus. No entanto, os caminhos do Senhor são verdadeiramente infinitos. E também os da *astúcia da razão* hegeliana.

A única referência, pode-se dizer, tão profética quanto preocupante, é a que encontrei em um artigo que Jacques Attali, ex-chefe do banco BERD, escreveu no *L'Express* durante a epidemia de 2009: "Se a epidemia for um pouco mais grave, o que é possível, por ser transmissível pelo homem, ela terá consequências verdadeiramente globais: econômicas (os modelos sugerem que isso pode levar a uma perda de 3 trilhões de dólares, ou a uma queda de 5% do PIB mundial) e políticas (devido aos riscos de contágio...). Por isso, teremos que estabelecer uma política global, uma estocagem global e, portanto, uma tributação global. Chegaremos, então, muito mais rápido do que teria sido possível apenas por razões econômicas, a estabelecer as bases de uma verdadeira governança global".[25]

Portanto, a pandemia era prevista: quantas simulações tinham sido feitas pelas principais seguradoras! E pelos serviços de proteção dos Estados. Há apenas alguns dias, o ex-primeiro-ministro britânico, Gordon Brown, voltou à necessidade de um governo mundial: "Gordon Brown pediu aos líderes mundiais que criassem uma forma temporária de governo global para enfrentar as duas crises, médica e econômica, causadas pela pandemia da Covid-19".[26]

Que tal oportunidade tenha sido *aproveitada* ou *criada* não faz muita diferença para o caso. Uma vez que a intenção exista, e a estratégia esteja elaborada, basta haver um pretexto para então agir em consequência. Ninguém entre os chefes de Estado foi pego desprevenido, senão no princípio, por tolices de qualquer tipo. Depois, de Giuseppe Conte a Orban, de Johnson a Trump etc., todos esses políticos, por mais boçais que sejam, compreenderam rapidamente o que o vírus lhes autorizava fazer com as velhas constituições, normas e leis. O estado de necessidade perdoa toda a ilegalidade.

Uma vez que o terrorismo, do qual, convenhamos, abusou-se um pouco demais, esgotou a maior parte de suas potencialidades, tão bem experimentadas por todos os lugares nos primeiros quinze anos do novo século, chegou o momento de passar à próxima etapa, como venho anunciando, desde 2011, em meu texto *Du Terrorisme au Despotisme*[27].

Além disso, a abordagem *contrainsurrecional*, adotada imediatamente e em toda parte pelo que se denomina, de modo bastante impróprio, a "guerra contra o vírus", confirma a intenção das operações "humanitárias" dessa guerra, que não é somente contra o vírus, mas contra todas as normas, direitos, garantias, instituições e povos do velho mundo: me refiro ao mundo e às instituições criadas desde a Revolução Francesa, e que agora estão desaparecendo diante de nossos olhos em poucos meses, tão rapidamente quanto desapareceu a União Soviética. A epidemia vai acabar, mas não todas as medidas, possibilidades e consequências que ela desencadeou e que estamos em vias de experimentar. Estamos dolorosamente dando à luz um novo mundo.

Assistimos, pois, à *decomposição e ao fim de um mundo e de uma civilização*, a da democracia burguesa com seus parlamentos, seus direitos, seus poderes e contrapoderes, que já são completamente inúteis, porque as leis e as medidas coercitivas são ditadas pelo executivo, *sem serem imediatamente ratificadas pelos parlamentos*, e onde o poder judiciário, assim como o da livre opinião, perdem inclusive a aparência de independência e, portanto, sua função de contrapeso.

As pessoas estão, assim, abrupta e traumaticamente acostumadas a isso (como estabelecido por Maquiavel, "*o mal deve ser feito de uma só vez, para que aqueles a quem ele é feito não tenham tempo de saboreá-lo*"): o cidadão, já há bastante tempo desaparecido em benefício do *consumidor*, agora se vê reduzido ao papel de simples *paciente*, sobre cuja vida e morte se tem direito, a quem se pode administrar qualquer tratamento, ou mesmo decidir suprimi-lo, em função de sua idade (produtiva ou improdutiva) ou segundo qualquer outro critério decidido arbitrariamente e sem recurso, à escolha do cuidador ou de outrem. Uma vez aprisionado em casa, ou no hospital, o que ele pode fazer contra a coerção, o abuso e a arbitrariedade?

A Constituição está sendo suspensa, por exemplo, na Itália, sem que quaisquer objeções sejam levantadas, nem mesmo pelo "garantidor" das instituições, o presidente Mattarella. Os sujeitos, que se converteram em meras mônadas anônimas e isoladas, já não têm mais nenhuma "igualdade" a afirmar ou direitos a reivindicar. A própria lei não será mais normativa, mas já discricionária, como a vida e a morte. Vimos que, sob o pretexto do coronavírus, na Itália pode-se assassinar rápida e impunemente treze ou catorze prisioneiros desarmados, dos quais não houve sequer a preocupação de fornecer os nomes, nem os crimes nem as circunstâncias, *e ninguém se comove com isso.* Fizemos ainda melhor do que os alemães na prisão de Stammheim. Ao menos por nossos crimes, eles deveriam nos admirar!

Já não se fala de mais nada, exceto de dinheiro. E um Estado como o italiano se viu reduzido a implorar ao sinistro e ilegítimo Eurogrupo o capital necessário para transformar a forma democrática em uma forma despótica. O mesmo Eurogrupo que, em 2015, quis ferozmente expropriar todo o patrimônio público grego, incluindo o Partenon, e entregá-lo a um fundo localizado em Luxemburgo, sob controle alemão: até o *Der Spiegel* definiu na ocasião os ditames do Eurogrupo como "um catálogo de atrocidades" para mortificar a Grécia, e Ambrose Evans-Pritchard, no *Telegraph*, escreveu que caso se quisesse fixar o fim do projeto europeu, seria de fato nessa data. Agora já está feito. Só resta o euro, e por enquanto.

O neoliberalismo não soube lidar com as velhas lutas de classe, não tem nem sequer a memória delas, ele pensa que as apagou até mesmo do dicionário. Continua acreditando ser todo-poderoso, o que não significa que não as tema: pois conhece bem tudo o que se prepara para infligir aos povos. É óbvio que as pessoas logo passarão fome; é óbvio que os desempregados formarão multidões; é óbvio que as pessoas que trabalham no mercado ilegal (quatro milhões na Itália) não terão nenhum apoio. E aqueles que têm um emprego precário, e não têm nada a perder, vão começar as lutas e sabotagens. Isso explica porque a estratégia de resposta à pandemia é principalmente uma estratégia de *contrainsurgência*. Vamos ver alguns bons exemplos disso na América. Os campos concentracionários da FEMA em breve ficarão lotados.

O novo despotismo tem, assim, ao menos duas fortes razões para se impor no Ocidente: uma é enfrentar a subversão interna que ele provoca e espera; e a outra é se preparar para a guerra externa contra o inimigo designado, que é também o despotismo mais antigo da história, do qual nada há para aprender desde *O Livro do Príncipe Shang* (século IV a.C.) – um livro que todos os estrategistas ocidentais terão de se apressar a ler, com o máximo de atenção. Se alguém decidir atacar o despotismo chinês, deverá começar demonstrando que é melhor do que ele em seu próprio terreno: isto é, mais eficiente, menos dispendioso e mais poderoso. Em suma, um despotismo superior. Mas isso ainda *está para ser provado*.

Graças ao vírus, a fragilidade do nosso mundo veio à tona. O jogo que está sendo jogado atualmente é infinitamente mais perigoso do que o vírus, e causará ainda mais mortes. No entanto, os contemporâneos aparentam temer apenas o vírus...

Parece que a época atual assumiu a tarefa de contradizer o que dizia Hegel a propósito da filosofia da história: "A história do mundo é o progresso da consciência da liberdade". Porém, a liberdade em si só existe na medida em que luta com o seu oposto – acrescentou ele. Onde estará ela hoje, quando as pessoas, na Itália e na França, denunciam aqueles que não obedecem?

Se foi preciso apenas um simples micróbio para precipitar nosso mundo na obediência ao mais repugnante dos despotismos, isso significa que *nosso mundo já estava tão pronto para esse despotismo que um simples micróbio era suficiente para ele*.

Os historiadores chamarão a época que agora se inicia de *a era do Despotismo Ocidental*.

1 *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Veneta, 2016.

2 *Relato verídico sobres as últimas chances de salvar o capitalismo na Itália*. Inédito em língua portuguesa.

3 A respeito dessas distinções, ver Erick Corrêa e Maria Teresa Mhereb (orgs.), *68: como incendiar um país*. São Paulo: Veneta, 2018.

4 *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

5 Cf. Vaneigem, *Coronavírus*, 21/03/2020.

6 Cf. Sanguinetti, *O despotismo ocidental*, 20/04/2020.

7 "Golpe do mundo". Correspondência com o autor, 31/05/2020.

8 Cf. Vaneigem, *Coronavírus*, 21/03/2020.

9 Cf. Vaneigem, *Povos do mundo, mais um esforço!*, 11/04/2020.

10 Cf. Sanguinetti, *O despotismo ocidental*, 20/04/2020.

11 In: *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

12 *Panegírico*. São Paulo: Conrad, 2003.

13 Fundada por Semprun, a revista *Encyclopédie des Nuisances* [*Enciclopédia das Nocividades*] publicou quinze fascículos entre novembro de 1984 e abril de 1992. Debord colaborou na sua redação com três verbetes, *Abat-faim*, *Ab irato* e *Abolir*, mas romperá com os enciclopedistas Semprun, Sébastiani e Fargette, que adotaram uma posição reacionária diante do movimento secundarista de ocupações de escolas contra a reforma proposta pela Lei Devaquet, no outono de 1986.

14 Carta a Jaime Semprun de 5 de março de 1985. Cf. *Correspondance vol. 6 (1979-1987)*. Paris: Fayard, 2006, p. 310. Em 2008, Semprun publica com René Riesel, outro antigo situacionista, o livro *Catastrophisme, administration du désastre et soumission durable* [*Catastrofismo, administração do desastre e submissão durável*], no qual avançam teses sobre o colapso do sistema capitalista.

15 Cf. *Ibidem*, p. 450.

16 Cf. "Le sens du dépérissement de l'art". In: *Internationale Situationniste*, n° 3, 1959, p. 8.

17 Tradução de Erick Corrêa e Maria Teresa Mhereb. Artigo publicado em *Lundi Matin*, 21 de março de 2020.

18 *Les épidémies du XXIe siècle* [*As epidemias do século XXI*]. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1997. Inédito em língua portuguesa. (Nota dos Tradutores).

19 *Modestes propositions aux grévistes: pour en finir avec ceux qui nous empêchent de vivre en escroquant le bien public* [*Modestas propostas aos grevistas: para acabar com os que nos impedem de viver fraudando o bem público*]. Paris: Éditions Verticales, 2004. Inédito em língua portuguesa.

20 Tradução de Erick Corrêa e Maria Teresa Mhereb. Artigo publicado em *Mediapart*, 11 de abril de 2020.

21 Tradução de Erick Corrêa e Maria Teresa Mhereb. Artigo publicado em *Mediapart*, 19 de maio de 2020.

22 Tradução de Erick Corrêa e Andressa Tata Coutinho. Publicado em *Lundi Matin*, 20 de abril de 2020.

23 Vejo que Edward Snowden chega à mesma conclusão na entrevista, publicada em 10 de abril de 2020, aqui: https://www.youtube.com/watch?v=k5OAjnveyJo.

24 *Do terrorismo e do Estado*. Lisboa: Antígona, 1981. (NT)

25 https://www.lexpress.fr/actualite/societe/sante/avancer-par-peur_758721.html.

26 https://www.theguardian.com/politics/2020/mar/26/gordon-brown-calls-for-global-government-to-tackle-coronavirus.

27 *Do terrorismo ao despotismo*. Ainda inédito. (NT)